

dobradiça —

dobradiça — Julie Fank

© **Julie Fank, 2023**

Edição

Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Fotografias

Julie Fank

Capa e projeto gráfico

Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Preparação de original

Bárbara Tanaka

Revisão

Guilherme Conde Moura Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: Henrique Ramos Baldisserotto – CRB 10/2737

F212d Fank, Julie
Dobradiça / Julie Fank. — 1. ed. — Curitiba, PR: Telaranha,
2023.

168 p.

ISBN 978-65-85830-00-3

1. Crônica Brasileira I. Título.

CDD: 869.94

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônica : Literatura Brasileira 869.94

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Curitiba/PR

41 3246-9525 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

Setembro de 2023

a quem faz o possível para sobreviver à própria cabeça

Conheço uma louca que pensa que sou eu.

Assionara Souza



A próprio punho e a praticar impertinência, essa escrita atira pedra e os manequins se debatem pensando palavras que se quebram, pensando danças que não podem. E, entre cegonhas desacreditadas e jornadas de heróis sedentários, nada se confunde, já que é encorpado o vestuário e se prega uma peça que nos pergunta: Consegue-se fazer sim com a cabeça? Porque são rítmicas — na intensa liberdade dos sem-trena — as palavras-atrizes tabulando sapatos molhados e a natureza dá as caras e as caveiras são inteligíveis nos quadros e aqui as palavras se aprontam: são urgência, é sem anestesia, é flor de asfalto e estar prestes.

Saber o que se avizinha nesse ser de onde se está. Sobre experiências e um não parar nos adjetivos. Ir por aí. Venha por aqui fotografar saudades, sair do labirinto, fazer com que aconteça o espetáculo das plantas que não morrem porque aprenderam as coisas bonitas. Carroça à frente e bois, como se morde e como se trança. A foto revelada mostra a flor que pergunta. *Dobradiça* é haver quem esteja contando, é cadeia em luz em sombra em desatino, é crônica de viajar sozinho junto com olhos que respiram, é o corpo plástico de braços sustentando espanto e franco momento de dar nome (anjo que diz), portanto: a isso se dá o nome de literatura.

— **Luci Collin**

sumário

Que se atire a primeira pedra, 15	
Somos todos passarinhos, 41	
Decálogo de quem não conseguiu escrever uma crônica, muito menos uma lista, 43	
Sobre imperativos, procrastinação e manuais — ou instruções para escrever instruções, 47	
11 dicas para cuidar do seu carro — ou o que um pequeno dicionário do automobilista encontrado num sebo e trazido pra casa num surto colecionista tem a nos ensinar sobre a vida e a preservação dos nossos bens materiais, sempre importantes, 53	
Escrever é, 59	
<i>Um dia no mundo</i> , 63	
Nem todas as flores são amarelas, 67	
O texto <i>prêt-à-porter</i> , 71	
A palavra também quebra, 75	
Palavras em férias, 77	
Todas as palavras, 79	
Notas sobre reconhecer um livro pelo verso, 81	
Lamber a própria língua, 85	
Cartografia da saudade, 89	
Aquele ano em que a gente aprende a contar, 91	
(A)LIVE, 95	
Interrupção, 99	
Tentativa de esgotamento de uma cidadã brasileira, 103	
Dançarinos elétricos, 109	
Uva verde, 115	
Nuvem, 117	
Prego, 118	
O derretimento das derrotas protocolares, 121	
Inspira-respira, 127	
Nunca acreditei em cegonhas, 131	
Não sou tuas musa, 139	
Foi a jornada do herói que nos trouxe até aqui, 149	
De sedentária convicta a atleta vacilona, 155	
Referências dos textos, 164	
Agradecimentos, 167	

Que se atire a primeira pedra

AS PERSONAGENS

A ATRIZ, que é também a DIRETORA, a MAQUINISTA, a ASSISTENTE, a CONTRARREGRA, a PORTEIRA DO TEATRO e a AUTORA DO TEXTO [*mas é bom não confundir*]

OS COLEGAS DE TURMA, APRENDIZES DE TEATRO

O FIGURINO

O vestuário deve ser feito de tecido encorpado, mas que permita movimentos bruscos. Deve conter botões, não muitos, deve conter zíper, um é suficiente, deve conter elástico, onde for possível. Um corpo de escritora precisa de um envelopamento que permita trânsito. Uma roupa que também saiba falar.

O CENÁRIO

Se esta peça acontecesse onde as ideias supostamente nascem, seria necessário, ao menos, uma escrivaninha, uma cadeira de rodinhas almofadada e com ajuste para a lombar, um computador, um teclado, um mouse, uma caneta, um caderno de anotações — um, não, a quem queremos enganar? — e um sem-fim de livros. Pra compor o ambiente, sabe. Hoje é possível comprar livros por metro em sebos. Como não é o caso, porque sabemos que as ideias nascem mesmo em qualquer lugar, nos contentamos com umas almofadas e, quem sabe, alguns tapetes. Aqui faz frio e nossos atores passarão algum tempo sentados olhando uns para os outros.

A PEÇA

De dia, no palco de uma escola de teatro, mas fingindo que estão todos em um grupo de viciados anônimos, sentam todos em roda com o olhar direcionado para a atriz, que está nervosa. Não há ninguém sentado na plateia. A maquinista, por engano, acha que estão todos ensaiando e faz descer o pano na hora errada. Entre chaves e fendas, corre para as coxias. A atriz começa a proferir disparates mentalmente. Mas ninguém sabe disso, ela é discreta e finge estar confortável diante do público. Ela carrega placas do tamanho de folhas A4, mais conhecidas como CHAMEQUINHO, e gruda umas às outras com durex pra parecerem A3, com inscrições e possíveis comandos para sua plateia. Mas ninguém sabe disso ainda. Ela está prestes a começar.

ATRIZ [*respirando fundo*]: Posso tirar a máscara?

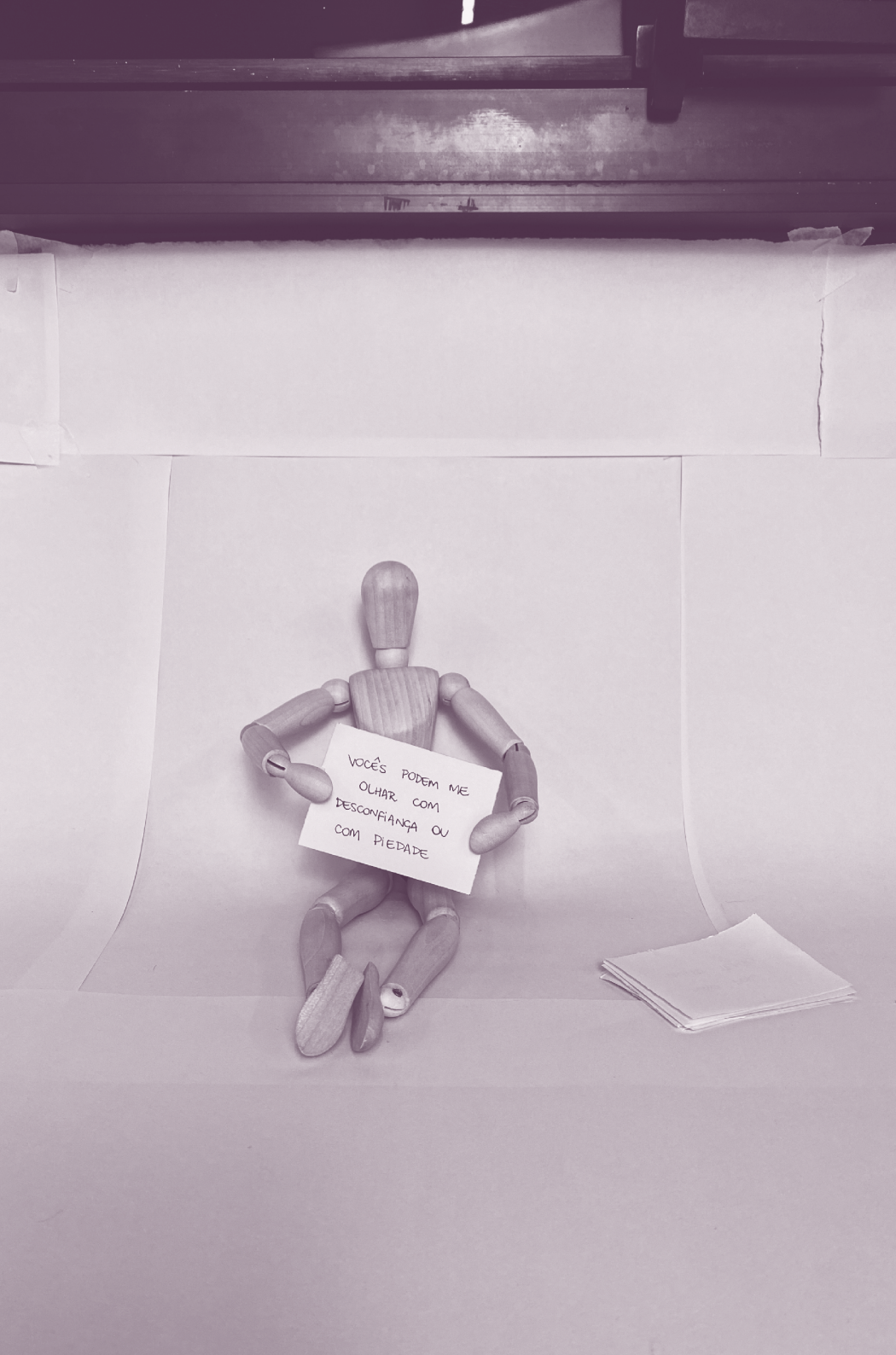
Os colegas fazem que sim com a cabeça. Toda história só existe por conta dos sins insistentes. Trocar o prefixo faz insistência virar desistência. Eles nem sonhavam que isso passava pela cabeça da atriz. Sim, ela é insuportável.

ATRIZ [*limpa os dentes discretamente, sorri com os olhos, encara brevemente cada um dos colegas girando a cabeça para visualizar todos e tira a máscara e vira suas placas para essa plateia ao mesmo tempo que fala*]: Meu nome é Julie, mas isso vocês já sabem. Eu tenho 35 anos e eu não sei exatamente o que me levou a ser o que eu sou hoje, mas estou feliz por não estar sozinha.

[*Ela esconde a angústia, mas é uma tentativa, o teatro está aí pra isso*] Por diversas vezes, eu jurei para mim e para o mundo que não começaria mais nada enquanto não terminasse tudo o que segue inacabado me assombrando.

[*Com máxima seriedade*] Aquele conto que comecei na faculdade em 2006. Aquele projeto que não terminei de escrever ano passado. A versão linear de *O jogo da amarelinha*. Os episódios de Avenida Brasil. Sim, eu sei. Pois é. [*Ela procura um olhar de cumplicidade entre os colegas*] E aquele pacote de balas que está na minha bolsa.

Isso é mentira, vocês sabem. A gente sempre termina um pacote de balas. [*Ninguém ri.*]



ATRIZ [digna, mas sem soberba, ela procede à segunda placa, mas se atrapalha, obviamente, finge então que está tudo dentro do planejado e, como se tivesse um cigarro seguro entre os dedos, feito pantomima, deixa-o no cinzeiro imaginário para fingir que foi isso, o cigarro imaginário, que atrapalhou a passada de página. Para acompanhar, uma baforada arrogante, um arremedo de fumaça sai, o frio tem suas vantagens. Ela não fuma. Ninguém sabe disso]: Depois do dia 13 de março, aquela fatídica sexta-feira treze de 2020, eu decidi que não ia deixar mais nada inacabado. [Pausa dramática e necessária], mas aí me pareceu anacrônico que eu, do lado que defendia a vida, não regasse sementes, ideias e expectativas. [Outra respirada funda, fazia parte da cena fingir que não atropelava palavras] Eu sabia que, se eu não tivesse novos sonhos, diante desse novo mundo, nada, nada permaneceria vivo aqui dentro. Eu tinha muito medo de morrer. [Hesitante, porém convicta] Vocês também, eu sei. [Ela não sabia.]

[Porque não há mais alternativa, a atriz continua] Minha natureza de começadora nata dava as caras.

[É essa a hora que os colegas descobrem estar num grupo que, possivelmente, se chama ASSOCIAÇÃO DE COMEÇADORES ANÔNIMOS. Uns se identificam e finalmente riem, outros sabem: a atriz, que não é atriz e que na verdade é uma professora, está se valendo do fato de que é isso que faz — conduz grupos — e aí será mesmo que está atuando? Alguns diriam que não, é preciso sair do corpo para atuar bem, atuar como uma atriz de verdade, outros diriam que sim, não há melhor papel para ela. A atenção serpenteia, a tensão ensaia sua entrada, todos seguem, na medida do possível, acompanhando.]

Dia após dia, abria uma página em branco e começava não uma, mas, pelo menos, três histórias. Eu tinha certeza de que tudo o que eu ainda não havia escrito não podia ficar à mercê do fim. [*Se prestarmos bem atenção, agora é a hora em que ela lembra que precisa empostar a voz*] Comecei, iniciei, inaugurei. [*Ela fala como se se achasse invencível*] Eu me achava invencível. [*Ela gosta da proximidade da palavra promessa com a palavra promissora*] Estava insuportavelmente viva. [*A essa altura, ela já sabia que ser promissor era melhor que ser invencível*] Me sentia sempre em dia de estreia. [*O diafragma está ativado, perceba*] E desviei, assim, do pessimismo com uma certa desenvoltura. [*Ela quase se convence.*]

Era sorte de principiante. Uma principiante obsessiva, mas sortuda. [*Diz, com excitação. A sorte excita, né?*]

